

# Discutindo a perspectiva da esquerda latino-americana

**REFERÊNCIA:** SADER, E. **A nova toupeira:** os caminhos da esquerda latino-americana. São Paulo: Boitempo, 2009.

Depois do período de hegemonia do neoliberalismo, a América Latina passou por profundas mudanças políticas. Na transição do século XX para o século XXI, em um curto período de tempo, lideranças de esquerda e centro-esquerda assumiram o governo na Venezuela, Brasil, Argentina, Uruguai, Bolívia, Nicarágua e Paraguai. Entender o significado e as perspectivas geradas nesse processo foi o objetivo de Emir Sader em seu novo livro. A obra, dividida em cinco capítulos, traz reflexões sobre a história do Subcontinente, a “crise de hegemonia” vivenciada atualmente, o governo Lula, as “deficiências” e “perspectivas” teóricas da esquerda e o futuro desses projetos

supostamente “pós-neoliberais”.

A toupeira é “um animalzinho com problemas de visão, que circula embaixo da terra sem nos darmos conta de sua existência e que de repente irrompe onde menos se espera” (p.34). Utilizando-se desta metáfora para tratar da esquerda latino-americana, o autor inicia com o resgate dos “ciclos da esquerda” latino-americana, passa pela hegemonia neoliberal e chega à atualidade sempre buscando alternativas. Três grandes irrupções da “toupeira” no século XX são destacadas na primeira parte da obra: os movimentos guerrilheiros entre 1959 e 1970, as vitórias institucionais no início dos anos 1970 e a vitória sandinista na Ni-

---

**Rodrigo Santaella Gonçalves:** Concludente da graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará.

carágua em 1979. Todas elas, segundo Sader, foram seguidas por retrocessos: primeiro, o refluxo e a descrença nos movimentos guerrilheiros, depois, as ditaduras militares e, finalmente, o próprio neoliberalismo.

Uma das conexões interessantes feitas pelo autor para explicar o período de hegemonia neoliberal foi a associação da “capitulação” da social-democracia às teorias liberais. Num mundo cada vez mais bipolar, os social-democratas sentiram a crescente necessidade de optar por um dos lados – o do liberalismo norte-americano ou o comunismo soviético. Essa associação teria desfeito diversas alianças no continente latino-americano e, somada à repressão sofrida pela esquerda durante as ditaduras, teria aberto caminho para o neoliberalismo.

A combinação da repressão ditatorial com o neoliberalismo teria levado, aos poucos, o nacionalismo e a social-democracia a se apropriar diretamente da agenda e do projeto neoliberal. Na argumentação de Sader, tal associação permitiu fosse a América Latina o primeiro laboratório do neoliberalismo, experimentando a transferência de renda direta do setor público para o privado, a desregulamentação do mercado, a abertura total da economia e a exclusão de direitos formais dos trabalhadores. Com a estabilização monetária, os governos

neoliberais não conseguiram se legitimar em virtude das suas grandes e facilmente perceptíveis consequências sociais negativas. Entretanto, mesmo com poucos resultados efetivos, a grande vitória do neoliberalismo – uma constatação do autor – se deu no plano político. Sader argumenta que a mentalidade individualista foi generalizada e a organização coletiva desestimulada, passando a prevalecer a rejeição a busca de interpretações totalizantes para as questões sociais. Registra ainda a prevalência das ideias de proteção ao consumidor em detrimento da proteção ao cidadão bem como de garantias ao interesse privado em detrimento do espaço público simbolizado através da expansão dos *shoppings centers*.

Essa vitória ideológica do neoliberalismo foi acompanhada pela imposição do chamado “pensamento único”, baseado no Consenso de Washington, que delimitou as bases sobre as quais as reformas neoliberais seriam implementadas nos países em desenvolvimento, seguidas tanto pelo senso comum quanto por grande parte dos intelectuais, muitos dos quais haviam se manifestado nacionalistas ou social-democratas ferrenhos alguns anos antes.

Com base nessas reflexões, Sader explica como a passagem de um mundo bipolar para um mundo de hege-

monia norte-americana ajudou a consolidar os modelos neoliberais. Contudo, em um contexto já não expansivo do capital, o neoliberalismo logo mostraria seus limites e o único setor da esquerda que de fato demonstraria resistência às reformas seriam os movimentos sociais. Tudo isso gerou uma crise de hegemonia: enquanto o neoliberalismo revelava seus limites, não surgiam proposições alternativas concretas. Os movimentos sociais – MST no Brasil, cocaleiros na Bolívia, zapatistas no México, etc. – resistiam, mas sem proposições programáticas claras.

No segundo capítulo, Sader debate a crise hegemônica propriamente dita, ressaltando a ideia de que as duas grandes tendências políticas no Subcontinente, no século XX, foram o desenvolvimentismo, a partir dos anos 1950, e o neoliberalismo, a partir dos anos 1980. A transição entre estas tendências teria sido acelerada pelas ditaduras militares e pela adaptação de algumas correntes ideológicas ao liberalismo. Atualmente, porém, a América Latina passaria por um hiato hegemônico, no qual se pode apontar projetos supostamente pós-neoliberais em disputa com o modelo vigente até hoje.

Para efeito analítico, o autor divide a América Latina contemporânea em três blocos de países segundo suas tendências políticas: o primeiro e menor

deles seria o dos assumidamente neoliberais, como a Colômbia, o Peru e o México; o segundo, o das experiências mais ambíguas do continente, de governos ditos de esquerda, mas que não romperiam de forma completa com a lógica imposta pelo neoliberalismo (Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, entre outros). O terceiro e mais radical bloco seria composto pelos países que tentam reformas mais efetivas, como a Venezuela, a Bolívia e o Equador. Os dois últimos blocos teriam em comum o fato de seus governantes terem sido eleitos a partir da insatisfação popular com o modelo neoliberal. O discurso e as origens desses governantes seriam antineoliberais e os projetos de alguns deles são claramente pós-neoliberais, pregando maior intervenção do Estado na economia e maior participação popular nas decisões.

Por contar com duas das três maiores economias do Subcontinente, o segundo bloco é o que o autor considera decisivo quando se leva em conta as perspectivas pós-neoliberais, apesar do maior radicalismo do terceiro bloco. Por isso, o terceiro capítulo da obra é destinado exclusivamente a decifrar “o enigma Lula”. Sader resgata a história do PT e da conjuntura brasileira nos últimos anos e aponta o que seriam três grandes falhas no governo brasileiro: o não enfrentamento da

“questão agrária” (a prioridade teria sido dada ao agronegócio), a política macroeconômica de aliança eterna com o capital financeiro e a pouca vontade política do Estado para a efetiva democratização da mídia. Estas seriam as questões pendentes do projeto político do PT para o Brasil. Nesse sentido, o autor aponta uma crítica à esquerda que se coloca como oposição a qualquer custo ao governo Lula, indicando que o melhor caminho para uma oposição à esquerda seria o de entender os avanços do projeto petista e apoiá-los sem omitir a crítica aos aspectos mencionados.

Sader constrói uma discussão acerca do governo Lula e dos seus limites. Contudo, quando passa da reflexão para as conclusões, talvez por sua própria história de militância no PT, não assume as consequências reais da sua análise. Os pontos falhos que aponta no governo Lula, e que o tornariam um enigma, não parecem tratar-se de pendências a serem resolvidas por um governo, mas limitações de um projeto que não tem perspectiva de avançar nestes pontos. Ao afirmar que “o modelo neoliberal e o bloco de forças que o protagoniza [...] só conseguem sobreviver se aplicados de forma mitigada – como nos casos do Brasil, da Argentina e do Uruguai” (p.64), demonstra que esses modelos ambíguos são na verdade o último

refúgio do neoliberalismo no continente. Assim, conforme se pode inferir, os pontos falhos do projeto petista não se apresentam como simples pendências, e sim como partes coerentes de todo o projeto político.

Partindo desta reflexão, Sader afirma que considerar o governo Lula mais neoliberal do que os anteriores, ou negar a existência de avanços, pode induzir ao erro de se fazer oposição a qualquer custo e contribuir com o crescimento da direita no país. “Em lugar de atuar como um crítico de esquerda, que apóia o que o governo tem de progressista, [a oposição de esquerda ao governo Lula] ataca tudo e rifa a possibilidade de construir uma alternativa à esquerda do PT, relegada a si mesma, à intrascendência (sic) política” (p.71). Isso é plenamente plausível, mas apostar todas as fichas em um projeto que demonstra ter limites estruturais e que, justamente por conta das suas ambiguidades, termina por fragmentar a esquerda partidária e os movimentos sociais, sugere uma aposta em algo que tende a eternizar a estrutura social rejeitada pelo próprio autor. O que Sader chama de “pendências”, portanto, pode ser considerado como limites estruturais. Neste sentido, o livro falha ao não levar em conta a importância da existência de espaços de organização que vislumbrem e que demonstrem à população hori-

zontes políticos diferentes do que está posto, algo que o PT tornou-se incapaz de fazer nos últimos anos. O “enigma Lula” é decifrado pelo autor de forma clara, mas as consequências dessa descoberta são omitidas ou distorcidas.

O livro termina com uma discussão sobre o desafio teórico da América Latina, na qual o autor enumera algumas debilidades da esquerda durante o século XX, afirmando que a maioria das experiências se deu com base em tentativas e erros. Traz novamente a discussão entre reforma e revolução, afirmando que as reformas, se feitas de maneira a mudar a estrutura da sociedade, podem caminhar para um processo revolucionário. O quarto capítulo traz, também, uma classificação das três estratégias da esquerda na América Latina: a democrática, com governos desenvolvimentistas, depois a guerra de guerrilhas e por fim a atual, de refundação dos Estados a partir de vitórias eleitorais, mas que tentam ter como base e como participantes ativos dos governos os movimentos sociais.

Sader contribui para a sistematização do que existe de teoria na esquerda latino-americana. Algumas falhas e omissões no relacionado à maneira como se aborda o conceito de nação, além de contradições entre a análise e as proposições sobre o que fazer, não tornam desnecessária a leitura do li-

vro. Trata-se de uma obra de um sociólogo competente, extremamente didático e que tem muito a contribuir para o pensamento da esquerda na América Latina. A principal conclusão é a de que vivemos uma crise da hegemonia liberal e que não existe um contraprojeto definido. Se passamos alguns anos “em busca do dissenso perdido”, como afirmou José Luís Fiori, parece que agora o encontramos, e “A nova toupeira” contribui para entender esse processo bem como os caminhos que temos pela frente.